



FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JUNHO, DE 2026 - 21H00

SCARFACE - A FORÇA DO PODER



Em 1932, Howard Hawks dirigiu, com a colaboração de Richard Rosson, "Scarface, o Homem da Cicatriz", considerado, senão o primeiro, pelo menos um dos primeiros filmes de gangsters da história do cinema norte-americano e um dos melhores até hoje. Partindo de um argumento escrito a várias mãos por Ben Hecht, Seton I. Miller, John Lee Mahin, W.R. Burnett, Howard Hawks e Fred Pasley, segundo romance de 1929, de Armitage Trail, com o mesmo nome ("Scarface"), a obra literária, e consequentemente o filme, baseia-se na

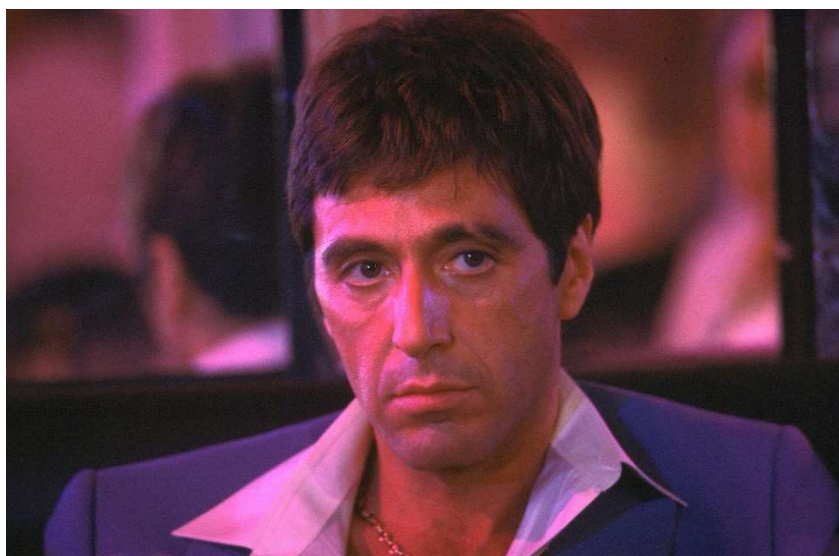
vida e na actividade criminosa de Al Capone, sua ascensão e queda nos meios do crime de Chicago. Sobre esse filme, escrevi algures: «Estamos nos anos 20, na América da "Proibição", a América da Lei Seca decretada no início dessa década com a intenção de afastar o país de problemas relacionados com a pobreza e a violência, estabelecendo o governo, através da 18ª emenda, a proibição do fabrico, comércio, transporte, exportação e importação de bebidas alcoólicas. Uma lei que estaria em vigor até 1933. As consequências da proibição foram as mais negativas. Em vez de se consumir álcool legalmente, com criação de emprego legal e receitas fiscais, o que se conseguiu foi o incremento da criminalidade a intensificação do gangsterismo, a fabricação de bebidas ilegais, sem qualquer controle de qualidade, a corrupção, a ligação mais do que suspeita das autoridades e das mafias locais, a disseminação de bares clandestinos. É neste caldo social que surgem personagens como Al Capone que, ainda por cima, criam lendas e multiplicam réplicas».

No mesmo texto, dizia ainda: «O cinema norte-americano mostrou-se sempre muito interessado pelo mundo da criminalidade, sendo às centenas os títulos que se ocupam, desde a década de 30 do século

passado, com gangsters e mafiosos. Muitos criminosos ganharam estatuto de heróis nacionais, alguns por conseguirem triunfar nessa terra das oportunidades, em épocas difíceis, outros por se equipararem a Robin dos Bosques, roubando aos ricos (e aos bancos) para distribuir entre si e os mais pobres. Outros ainda pela vida de uma marginalidade assumida, de transgressão total, de oposição às forças da ordem. Al Capone, Dillinger, Frank Costello, Lucky Luciano, Bonnie e Clyde, Vito Genovese, Joe Valachi, entre tantos outros, estão neste quadro. Todos passaram pelas telas do cinema, quase sempre com sucesso garantido. Não são só os americanos a vibrar com as façanhas dos mafiosos que venceram e acabaram perdendo. Os filmes são êxitos mundiais».

Passemos agora a “Scarface, a Força do Poder”, uma realização de Brian De Palma, de 1983, que procura seguir o mesmo argumento do filme de Hawks, mas actualizando e reformulando o seu contexto. Para tanto, contou com Oliver Stone como autor do novo argumento que não se podia furtar a algumas das suas claras obsessões e entusiasmos: no início da obra, estamos em Cuba, ouve-se Fidel Castro, e sabe-se que ele acabara de autorizar a saída de cidadãos cubanos que quisessem demandar a Flórida, Miami mais precisamente, para se juntarem às suas famílias que, entretanto, já haviam deixado Cuba. “Quem não quer estar connosco, que se vá embora” seria a garantia dada pelo chefe revolucionário. Mas, segundo o comentário que acompanha essas imagens de actualidades, juntamente com os familiares, Fidel “exportava” para Miami umas dezenas de milhares de presos de delito comum que não eram queridos na ilha.

Calcula-se que mais de 125.000 cubanos chegaram aos EUA, dos quais 15% eram criminosos de delito comum. Miami viu-se, de um dia para o outro, confrontada com um problema de difícil resolução. Estávamos em 1980 e 100.000 cubanos permaneceram na cidade. “Foi uma bomba demográfica e uma bomba política”, afirmaram as autoridades locais. “Marielito” era o termo por que eram conhecidos esses cubanos. Em poucos meses, cresceu o

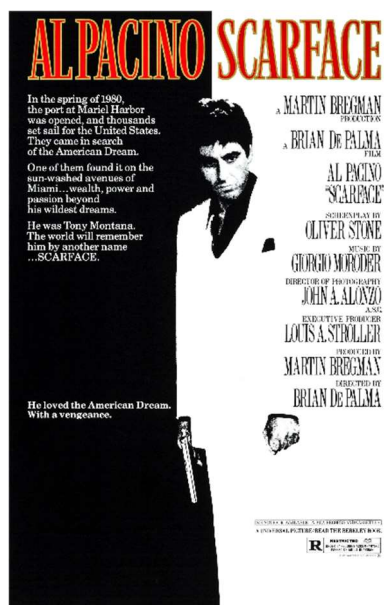


desemprego, a pobreza e a criminalidade. Drogas, armas, prostituição e corrupção. O aumento do crime fez com que a cidade contratasse muitos agentes de polícia sem uma verificação meticulosa, o que deu azo ao maior escândalo de corrupção da história de Miami. Dezenas de polícias foram presos pelo FBI, acusados alguns de prenderem os traficantes, ficarem com a droga, e a seguir matarem os presos.

No filme de Brian De Palma, entre esses emigrantes cubanos vinha um que será acompanhado na sua ascensão e queda: Tony Montana (Al Pacino), um aparente pobre diabo que se julga predestinado para grandes feitos, mesmo quando lava pratos numa roulotte ou se passeia num campo de refugiados ou numa cadeia. Ele “sabe” que um dia há-de chegar a sua hora. Terá o mundo na mão. Vestindo belos fatos, vivendo em luxuosos palacetes, guiando grandes carros, tendo a seu lado sedutoras mulheres, que se forem “trespassadas” por ex-chefes de gang ainda melhor: dará mais estilo. Tudo isso irá Tony Montana adquirir ao longo de uma vida de crime, trepando por passarelas ensanguentadas e distribuindo tortura e morte, ao mesmo tempo que vende milhões de pacotes de cocaína e vai multiplicando fortuna e mau gosto, como é bem visível no seu estilo pimpalhão, ao escolher fatos, carros e decorações de casa. Portanto, a droga em lugar do álcool, cubanos em vez de italo-americanos. Mudam-se os tempos, mudam-se as figuras, mudam-se as traficâncias, mas mantem-se tudo na mesma.

Fidelidade e lealdade, nenhuma. Não estamos nos domínios sequer da “omertà” siciliana. Aqui as amizades fazem-se e desfazem-se com base no interesse imediato. Inclusive os valores de família e amizade nada asseguram. Um amigo de peito passa a inimigo, quando namora ou se casa com a irmã e esta, tal como no filme de Howard Hawks, revela-se obviamente uma paixão incestuosa de difícil realização (como, aliás, tudo é de duvidosa realização num plano sexual, excepto a ostentação da “caça”).

O filme é muito bem dirigido, algo barroco e excessivo globalmente, mas consegue criar um tom unitário, a começar pela excelente representação, a magnífica direcção de arte, que cria um estio kitsch inesquecível, a boa fotografia de John A. Alonzo e a nervosa e vertiginosa montagem de Gerald B. Greenberg e David Ray, que atinge momentos de paroxismo, como na sequência final, das mais violentas da história do cinema, e que culmina com a derrota dos sonhos do protagonista com esse irónico e trágico plano final denunciando a fragilidade dessa ambição de ser o “Senhor do Mundo”.



SCARFACE - A FORÇA DO PODER

Título original: Scarface

Realização: Brian De Palma (EUA, 1983); Argumento: Oliver Stone, segundo romance de Armitage Trail, e argumento e filme de 1932, de Howard Hawks e Ben Hecht; Produção: Martin Bregman, Peter Saphier, Louis A. Stroller; Música: Giorgio Moroder; Fotografia (cor): John A. Alonzo; Montagem: Gerald B. Greenberg, David Ray; Casting: Alixe Gordin; Direcção artística: Edward Richardson; Decoração: Bruce Weintraub; Guarda-roupa: Patricia Norris; Maquilhagem: Stephen Abrums, Janice D. Brandow, Barbara Guedel, Toni-Ann Walker; Direcção de Produção: Raymond Hartwick; Assistentes de realização: David H Dreyfuss, James Herbert, Joe Napolitano, Chris Soldo, Robert Yannetti, Jerry Ziesmer, Lewis Gould; Departamento de arte: Casey Hallenbeck, Geoff Hubbard, Peter Ivy, Peter Lamppu, Daniel Loren May, Clarence Lynn Price, Blake Russell, Carlos Salinas, Ferdinando Scarfiotti, Steven Schwartz, Will Waters; Som: Andy Aaron, Edward Beyer, Donald A. Bolger, Charles J. Bond, Dave Concors, Steve Hodge, Brian Reeves, Dave Rideau; Efeitos especiais: Stan Parks, Ken Pepiot, George Zamora, Bill Hansard; Companhia de produção: Universal Pictures; Intérpretes: Al Pacino (Tony Montana), Steven Bauer (Manny Ribera), Michelle

Pfeiffer (Elvira), Mary Elizabeth Mastrantonio (Gina), Robert Loggia (Frank Lopez), Miriam Colon (Mama Montana), F. Murray Abraham (Omar), Paul Shenar (Alejandro Sosa), Harris Yulin (Bernstein), Ángel Salazar (Chi Chi), Arnaldo Santana (Ernie), Pepe Serna, Michael P. Moran, Al Israel, Dennis Holahan, Mark Margolis, Michael Alldredge, Ted Beniades, Richard Belzer, Paul Espel, John Brandon, Tony Perez, Garnett Smith, Loren Almaguer, Gil Barreto, Heather Benna, Sue Bowser, Tina Leigh Cameron, Victor Campos, Robert Hammer Cannerday, Rene Carrasco, Albert Carrier, John Carter, Richard Caselnova, Gary Carlos Cervantes, Carlos Cestero, Johnny Contardo, Roberto Contreras, Caesar Cordova, Gregory Cruz, Dante D'Andre, Richard Delmonte, Wayne Doba, Michel François, Ben Frommer, Edward R. Frommer, John Gamble, Troy Isaacs, Ronald G. Joseph, Mario Machado, Joe Marmo, Ray Martel, John McCann, Richard Mendez, Victor Millan, Santos Morales, Mike Moroff, Angela Nisi, Manuel Padilla Jr., Tony Pann, Ilka Tanya Payan, Barbra Perez, Michael Rougas, Anthony Saenz, Geno Silva, Arnold Tafolla, Charles A. Tamburro, Jim Towers, Robert Vandenberg, Bob Yanez, Angela Aames, Nancy Lee Andrews, etc. Duração: 170 minutos; Distribuição em Portugal: Universal Studios; Classificação etária: M/ 18 anos; Data de estreia em Portugal: 12 de Abril de 1984.

FÓRUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 06 DE JULHO DE 2026

Masterclass “Polícias e Ladrões - O Cinema à Lei da Bala”, 21H00 (entrada livre)

“HEAT - CIDADE SOB PRESSÃO”, de Michael Mann (1995)